

Sistema Laban: indissociabilidade entre extensão, ensino e pesquisa em dança

Laban Movement Analysis: inseparability between extension, teaching and research in dance

Vivian Vieira Peçanha Barbosa¹
Juscelino Ferreira Mendes Junior²

RESUMO

Este relato traz uma reflexão sobre a indissociabilidade entre extensão, pesquisa e ensino a partir da experiência dos autores no curso de extensão “CAPDança: capacitação de professores de dança através do Sistema Laban”. Com carga horária total de 45 horas, o curso de extensão surgiu em uma parceria entre o Bacharelado em Dança da Universidade Federal de Uberlândia e o SESC-Uberlândia, tendo sido ofertado presencialmente para 30 professores de dança de Uberlândia e região, de forma gratuita, no segundo semestre de 2019. O texto se apresenta em forma de diálogo informal entre os autores, disparado por quatro perguntas, e toca em pontos importantes para a extensão em dança, como: a aproximação entre saberes produzidos ou pesquisados dentro e fora da universidade; a importância de experiências formativas continuadas para professores de dança; os impactos da promoção de encontros formativos e troca de saberes entre profissionais da dança de diferentes perfis e modos de atuação; o potencial do trabalho por uma compreensão mais expandida e embasada do movimento humano a partir da sistematização proposta por Rudolf Laban. Além disso, aborda desdobramentos e influências do curso de extensão e da lógica extensionista – conexão entre universidade e sociedade – em atividades de ensino e de pesquisa.

Palavras-chave: Sistema Laban. Capacitação de professores de dança. Extensão em Dança.

ABSTRACT

This text reflects on the inseparability between extension, research and teaching from the experience of the authors in the extension course *CAPDança: Capacitação de professores de dança através do Sistema Laban*. The 45 hours extension course emerged from a partnership between the Dance Undergraduate Course at Federal University of Uberlândia and SESC Uberlândia, having been offered in person to 30 dance teachers from Uberlândia and region, in the second half of 2019. To bring this reflection, the text is presented as an informal dialogue between the authors, and touches on important points for dance extension, such as: the approximation between knowledge produced or researched inside and outside the university; the importance of continuing formative experiences for dance teachers; the impacts of the promotion of formative meetings and exchange of knowledge between dance professionals with different profiles and modes of working; the potential of this work for a more expanded and substantiated understanding of human movement from the perspective of the systematization proposed by Rudolf Laban. In addition, the text discusses the unfolding and influences of the extension course and the extensionist logic – of connection between university and society – in teaching and researching activities.

Keywords: Laban Movement Analysis. Training of dance teachers. Dance extension.

¹ Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia, Brasil, com período sanduíche na Middlesex University London, Reino Unido; professora do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. (vivian.iarteufu@gmail.com).

² Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil; membro do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos de Improvisação em Dança (NEID). (juscelino.mendes.junior@gmail.com).

INTRODUÇÃO

Pelo senso comum, pensar em dança pode remeter quase que imediatamente a uma visão de alguma/s pessoa/s se movendo, preferencialmente a partir de algum ritmo, seguindo talvez uma música específica. Partindo dessa ideia, a dança fica quase que necessariamente atrelada a uma técnica fechada ou a um estilo predeterminado de movimento, com pouquíssimo espaço para a criação e a criatividade. Contudo, entre os séculos 19 e 20, Rudolf Laban trabalhou, em colaboração com diversos outros artistas, professores e investigadores do movimento humano na Europa, por uma expansão dessa visão. O coreógrafo e teórico do movimento almejava uma sistematização da dança que explicitasse uma linguagem destinada a tratar dos elementos intrínsecos ao movimento, sem fechá-la em passos preestabelecidos. Nesse sentido, importavam as qualidades do corpo humano em movimento, mais do que cristalizações de gestos em um estilo específico. O que se move em meu corpo? Com que qualidade se move? Como se move? Para que direção vai esse movimento? (LABAN, 2011a; 2011b) Essas e outras perguntas ajudaram a dar rumo e contorno ao percurso labaniano, que resultou no que se conhece hoje no Brasil como Sistema Laban. Por analogia, podemos pensar que o que Laban fez na dança poderia se comparar ao estudo de cores, texturas e formas na pintura; ou ainda, ao estudo de timbres, alturas sonoras e ritmos na música. Por esse motivo, sua contribuição se faz relevante mundialmente até os dias de hoje, e sua teoria é estudada em diversas áreas, não somente na dança.

A professora idealizadora e proponente do curso de extensão “CAPDança: capacitação de professores de dança através do Sistema Laban”, Vivian Barbosa, vem pesquisando o sistema em interlocuções filosóficas, artísticas e pedagógicas desde 2010. No Curso de Bacharelado em Dança da UFU, tem lecionado a disciplina de Análise do Movimento desde 2013, que tem por objetivo apresentar a linguagem do Sistema Laban a futuros bacharéis em Dança, como modo de enriquecer e ampliar as ferramentas de criação e análise do movimento humano. Desde 2021, tem orientado a Iniciação Científica intitulada “O Sistema Laban de Análise do Movimento para a elaboração de estratégias de criação em dança” de Juscelino Ferreira Mendes Junior, que também cursou a disciplina de Análise do Movimento e participou do curso de extensão ofertado em 2019. Juntos, professora e aluno estabeleceram um diálogo, baseado em quatro perguntas, sobre a indissociabilidade entre extensão, pesquisa e ensino, refletindo sobre as influências de um segmento no outro nessas experiências que têm em comum o estudo e a difusão do Sistema Laban e seus desdobramentos, como se vê a seguir.

Imagem 1 – Diálogo sobre princípios do movimento em duplas após experimentação



Fonte: Acervo do CAPDança: capacitação de professores de dança através do Sistema Laban. Uberlândia, MG (2019). Fotografia: Alexis F. S.

Qual foi a importância de trabalhar o Sistema Laban em um curso de extensão voltado para professores de dança?

Juscelino: Para mim o curso de extensão permitiu um aprofundamento do Sistema Laban, tendo em vista que a gente estava trabalhando numa perspectiva de trazer a teoria, mas também de experimentar muito a prática. Então o tempo do curso de extensão era um tempo maior, tanto o tempo de cada encontro quanto a quantidade de encontros e acho que isso permitiu, de certa forma, a gente poder se apropriar um pouco de como isso funciona e como essas especificidades do sistema ajudam a gente a pensar a dança, ajudam a gente a experimentar esse outro lugar da dança. Acho que é uma coisa muito interessante quando a gente pensa a dança numa outra perspectiva, porque às vezes a primeira coisa que chega é sempre o lugar de uma técnica fechada, o lugar de algo que está mais estruturado. E daí a gente vê o Sistema Laban que é algo que está sistematizado, mas ele também é uma sistematização que permite uma abertura do processo, permite o manuseio dessas ferramentas de uma forma muito mais própria a cada um. Então eu percebi que no curso de extensão isso ficou muito claro, as infinitas possibilidades de usar o sistema de diversas formas em diversos contextos, independente do ritmo específico da dança, tanto se era no balé ou na dança de rua. Qualquer uma dessas especificidades da área da dança, até porque no curso de extensão tinha pessoas que ensinavam coisas diversas, tinha pessoas que eram do balé, que eram da dança contemporânea, da dança de rua. Então todas as pessoas tiveram a oportunidade de olhar para

esse sistema e criar uma relação a partir da prática, a partir de uma pedagogia do movimento. A sensação que tenho é que mesmo sendo um sistema, algo sistematizado, ele não exclui as pessoas, ele não exclui esses corpos e essas formas de dançar, porque ele pode ser aplicado em diversos contextos, ele pode ser experimentado a partir da pessoa, a partir da prática dela, a partir de uma forma de dar aula, a partir de uma forma de pensar o movimento. Então ele vem muito como um aliado, acho que o curso de extensão ele teve muito esse lugar de abraçar essas diferenças, já que o curso de extensão foi pensando para o ensino da dança, uma capacitação em dança para professores. Ter essas diversidades de professores, de formas de aula, de formas de pensar a dança... eu acho que é uma coisa muito forte, muito interessante para a gente hoje em dia. Poder ter uma ferramenta, para poder desdobrar esse pensamento em dança.

Vivian: E ao mesmo tempo você era uma pessoa que estava ali e que já tinha tido contato prévio com o Sistema Laban a partir da disciplina de Análise do Movimento que eu vinha ofertando dentro do Curso de Bacharelado em Dança da UFU. Outras pessoas, por outro lado, nunca tiveram contato com o Sistema Laban propriamente dito, e já trabalhavam com a dança, já davam aula de dança. Acho que o Sistema – e as experiências que a gente foi construindo também ao longo do curso de extensão – foram trazendo essas pessoas mais para perto, para uma percepção delas mesmas enquanto criadoras, enquanto pessoas que podiam sair daquela caixinha, talvez, em que elas se encontravam ou que haviam se colocado. E que podiam reformular o olhar que elas tinham sobre aquilo que elas ensinavam também. Então eu percebo que esse potencial de um curso de extensão está justamente em aproximar essas realidades distintas, como você bem colocou, pois eram pessoas muito diferentes num mesmo curso, no caso do CAPDança. Essa aproximação de realidades diferentes gerou um caldo cultural e uma cultura de aceitação e de aprendizagem mútua, de aprendizagem comunitária que muito me interessa, que vai reunindo diferentes tribos. Pessoas que talvez nunca tivessem tido contato com a universidade ou com saberes que são produzidos e pesquisados dentro do âmbito universitário conseguiram se aproximar justamente por se sentirem à vontade com essa diversidade de pessoas participantes. Pessoas que trabalham com dança na escola, trabalham em projeto cultural, que têm uma academia, que construíram seu espaço e que dão aulas e trabalham com estilos muito diferentes uns dos outros, podem olhar para esses outros corpos e outros modos de fazer, pensar em outros estímulos, se inspirar e também serem alimento. Ou seja, aquilo que eu faço recebe influência do que o outro está fazendo, e me parece que o Sistema Laban e o modo como tudo foi conduzido ajudou a gente a ir entendendo as nossas próprias produções enquanto professores de dança e a enxergar que era

possível diversificar essa produção, esse modo de ensinar, esse modo de eu mesmo, enquanto professor, me enxergar também enquanto artista, enquanto pessoa que cria. Então quando eu olho para trás e vejo esse curso eu sinto que quero repetir a dose quando for possível a gente estar com mais tranquilidade no modo presencial. Certamente eu quero retomar essa atividade extensionista.

Juscelino: Acho que tem uma coisa interessante no que você traz que é a riqueza de um curso de extensão como esse. Quando o curso de extensão se abre, quando ele sai desse lugar da Universidade, onde a gente já tem um modo de pesquisa, já tem coisas que estão ali, que quem é do meio já está muito acostumado a lidar com isso. Quando a gente abre isso, eu acho que a gente tem muito a aprender porque aí acontece essa diferença, esse encontro de pessoas, de corpos, de modos tão distintos de dançar. Eu fiquei pensando muito, enquanto você falava sobre o curso, de uma vez que a gente teve uma proposta que era: pensar uma aula que a gente tivesse dado, pensar um movimento que já fosse da nossa prática enquanto professores de dança, oficinairos etc., e aplicar os aspectos do Sistema Laban em cima disso para ensinar. Eu acho que foi muito interessante, porque de certa forma não foi pedido que as pessoas fizessem algo que elas não conheciam. Então foi como adicionar uma camada em cima daquilo que elas já fazem.

Vivian: Adicionar uma complexidade, né?

Juscelino: E o quanto isso gerou resultados muito interessantes, de pessoas que já dão aula, desde pessoas que dão aula há 10 anos a pessoas que estavam começando a pensar uma pedagogia na dança. Deu para perceber que mesmo essas pessoas que já tinham uma longa jornada com o ensino de dança conseguiram produzir algo diferente a partir daquilo que já tinham, a partir daquilo que já fazia parte das suas referências. Então fiquei pensando nisso, acho que isso é muito bacana quando a gente olha para um curso de extensão.

Vivian: Agora isso que você está trazendo já é uma corrente freireana, que vem encontrar com Laban; essa perspectiva de Paulo Freire pela valorização dos saberes discentes, pela valorização dos saberes de todos é algo também que me ajudou a nortear a configuração do próprio curso, entendendo que todo mundo que chega, independentemente da idade, independentemente de qualquer coisa, não é uma página em branco, as pessoas têm suas referências, trazem suas referências, as pessoas têm um modo de entender o mundo e de trabalhar. Então acho que o curso de extensão foi um espaço quase que de alargamento, de poder criar um pouco mais de espaço para se entender nesse lugar de professor, de facilitador, de orientador de uma pessoa que vai mediar uma atividade formativa e tudo mais. E de se entender, de se ver capaz de transformar também aquilo que já se sabe, aquilo que já se

conhece, e se perceber capaz de transformar, mas tendo ferramentas, tendo uma linguagem para falar disso que se transforma. Acho que isso é bacana no Sistema Laban, não só um incentivo a essa expansão desses modos de criar, dançar e ensinar dança, mas de como a gente pode fazer isso, como que a gente consegue fazer isso, com quais ferramentas. Então passar por diferentes princípios que Laban estudou e elencou, dentro disso que a gente nomeia como Sistema Laban, foi ajudando as pessoas a entenderem que era possível complexificar o olhar do que se faz. E transformar também o que se faz, sempre que desejado, sempre possível, assim como as estratégias daquilo que se propõe pedagogicamente dentro desse universo do ensino da dança.

Imagem 2 – Processos de ensinar-aprender colaborativamente.



Fonte: Acervo do CAPDança: capacitação de professores de dança através do Sistema Laban. Uberlândia, MG (2019). Fotografia: Alexis F. S.

Juscelino: Isso é muito bacana. Quando a gente vai pensar em aprender algo novo, mas também podendo aproveitar isso que a gente já sabe. Não fica uma imposição do tipo “esquece aquilo que você sabe para aprender algo novo”, né? Mas como a gente pensa também essa continuidade, até mesmo em uma formação continuada em dança.

Vivian: O meu intuito, quando eu ofertei esse curso em 2019, era que fosse uma atividade continuada, pelo menos anualmente. A gente queria ofertar, mas daí veio a pandemia e tudo desandou. Eu acho muito difícil ofertar esse curso de maneira remota porque eu percebi que na experiência que tivemos em 2019 realmente esse contato, os intervalos que a gente fazia, em que as pessoas podiam relaxar e conversar umas com as outras de uma maneira mais descontraída, isso tudo fazia parte do caldo formativo. Não era só eu

ministrando um curso. Para mim essa ação extensionista teve muito esse processo do encontro entre as pessoas como algo essencial. Eu senti isso, que para além daquele conteúdo, de tudo que eu pudesse conduzir ou orientar, que o encontro entre as pessoas era muito importante e acaba que nessa lógica virtual isso fica mais difícil. Essa descontração... muitas vezes no virtual as pessoas ficam mais na defensiva, não querem abrir o microfone e falar, se mostrar e abrir a câmera... enfim tem uma série de prós e contras, né?

Juscelino: E até nesse limite de observar o outro, é muito diferente eu ver alguém se movimentando ao vivo do que ver nessa relação do virtual da tela em que você não vê a profundidade, você não vê o volume do corpo. Na verdade, você vê um recorte na tela.

Vivian: Sim, tem várias limitações, mas assim que for possível eu quero retomar, de repente como uma formação continuada, em que a pessoa possa se rever e se reciclar de tempos em tempos. Muitas pessoas participantes deram esse relato de que finalmente tiveram um espaço para se cuidarem, para olharem para o que interessava, para terem um tempo de criar novas coisas, esse tempo de reciclagem mesmo. Um tempo em que a professora não está oferecendo, mas está recebendo e trocando; ela não está mais nesse papel de planejar e oferecer ou conduzir algo. Então é muito importante para nós docentes, para nós professores, que a gente tenha esse espaço em que a gente pode se alimentar, que é quase um espaço de descanso também. Veio muito isso na fala das pessoas participantes, essa questão do autocuidado. No fim das contas, muitos relatos das pessoas que participaram do curso vieram um pouco nesse sentido, desse espaço no curso de extensão ter sido um espaço em que elas conseguiram olhar para si mesmas, enquanto pessoas, enquanto artistas, enquanto professores.

Como o ensino e a pesquisa se entrelaçaram nessa experiência extensionista?

Juscelino: Eu acho muito bacana quando a gente vai pensar, por exemplo, sobre pesquisa de movimento, quando a gente vai pensar numa prática de pesquisa que é desse lugar do fazer, em que mesmo sendo um curso de extensão eu vejo que foi um curso de pesquisa e de ensino, porque tinha uma provocação de pensar como aplicar isso a partir de uma relação com a pedagogia da dança e como entender isso primeiro no nosso corpo, para depois pensar em como aplicar no ensino a partir das nossas experiências, das nossas corporalidades. Tanto quem já tinha tido contato ou quem estava tendo um primeiro contato com o Sistema Laban, todo mundo precisou se jogar, precisou experimentar isso no corpo para depois transferir e transformar isso no ensino do movimento.

Vivian: Ou seja, se colocar enquanto investigador e investigadora. No curso, foi preciso trabalhar em prol de um estado curioso, um estado de curiosidade, de inventividade. Isso para mim é algo muito precioso no sentido de que o modo como eu planejei o curso de extensão, assim como o modo como eu planejei a disciplina de Análise do Movimento, geralmente não é entregando conceitos ou falando “vamos ler uma coisa e explicar um conceito”. Raramente eu faço desse jeito. Em geral, eu oriento experimentações, e percebo que as pessoas vão se apropriando dos conceitos de maneira prática, então é uma práxis teórica, uma teoria que é prática e está no corpo. Eu sempre me lembro de um encontro do curso de extensão, em que uma participante virou para mim e falou assim “hoje a gente não vai ver teoria?”; aí eu falei “mas a gente já está vendo teoria!”, porque a gente estava fazendo várias improvisações e conversando sobre as improvisações, fazendo aquelas dinâmicas de observar e ser observado, conversar, entender os princípios e tudo mais. Mas acho que aquela participante pensou que tínhamos um momento de ter uma aula expositiva dos conceitos, e não é assim ou não necessariamente a gente vai ter isso. Obviamente, todos os modelos podem ser válidos e interessantes, mas em geral eu buscava trabalhar de um modo em que as pessoas pudessem ir se apropriando das ferramentas e da linguagem que o sistema apresenta, de uma maneira muito somática. Ou seja, era uma maneira muito incorporada de aprender e de conceituar. É algo que induz a pessoa a experimentar e a se indagar sobre o que é estar, por exemplo, em nível baixo³ para ela, o que é rastejar pelo chão, o que é o estar mais próximo do chão possível, como que eu agencio o meu corpo e o que eu faço para estar nessa situação ou em outra situação. O que significa trabalhar um peso⁴ mais ativo ou um peso mais passivo no meu corpo? O que isso significa em termos de tônus? Eu me lembro que a gente fez uma experiência no curso de extensão que tratava da importância de conseguir relaxar, e muitas vezes tem esse imaginário, essa ideia de um músculo muito ativo na dança, mas essa capacidade do relaxamento, de você conseguir baixar o tônus ou até mesmo reduzir o máximo que você puder em alguns momentos, em algumas circunstâncias isso é muito necessário. Ter essa capacidade de criar nuances. Então a gente fez experiências de abandonar o peso do corpo e teve várias experiências que a gente foi fazendo, e aí cada um vai sentir de um jeito, cada um vai acessar em um tempo também, porque precisa de um tempo para você acessar

³ Laban dividiu o espaço de diversas maneiras para analisar e criar movimentos. Uma delas é a divisão em níveis espaciais, que informam sobre o quão perto da superfície de apoio o corpo está. No nível alto a pessoa está longe do chão, como quando saltamos ou estamos de pé; no nível médio a pessoa está mais próxima ao chão, em posições mais agachadas; e em nível baixo a pessoa está mais próxima ao chão, deitada, por exemplo.

⁴ O peso faz parte da Teoria do Esforço dentro do Sistema Laban, que conceitua o “como” do movimento a partir dos fatores de peso, tempo, espaço e fluxo. No caso do peso, temos gradações do tônus que podem ir de um peso mais leve a um peso mais firme. Por exemplo, a ação de empurrar necessita de um peso firme, enquanto a ação de espanar o pó de um móvel remete a uma leveza, a um peso leve. Temos ainda a possibilidade de trabalhar o peso passivo, ou abandonado.

coisas no seu corpo, um tempo que não vai ser igual para todo mundo. Nunca vai ser igual. Então essas práticas são teorizantes, elas estão cheias de conceitos e de conceituações, mas que são conceitos que precisam ser encarnados. O que torna muito difícil, às vezes, até ler sobre certas coisas, ler sobre certos conceitos sem ter experimentado, sem ter passado por uma experiência criativa, sem ter sentido esses conceitos no próprio corpo.

Juscelino: É muito interessante também perceber essa diferença dessas corporalidades, observar como que a gente tinha essa relação, o quanto eu consigo deixar o meu corpo leve é muito diferente da outra pessoa... então quando a gente pensa o ensino e a pesquisa, não é sobre produzir um tipo de verdade, não é sobre uma única forma de chegar no nível baixo. Não há forma única e universal de experimentar o tempo, de experimentar o peso. A partir dos mesmos parâmetros e das mesmas ferramentas a gente chegava em locais diferentes.

Vivian: Há variações.

Juscelino: A gente tinha essas diferenças, quando a gente pensa teoria e prática eu fico lembrando dessas experiências. Quando no meu processo de Mestrado o Sistema Laban caiu como referência, eu tentei ler o livro “O Domínio do movimento”⁵ só que eu não entendi nada, foi um livro que eu não consegui atravessar, porque eu estava só no lugar da teoria, tentando compreender ele a partir desse local, sem a prática. E depois, quando eu fiz a disciplina de Análise do Movimento, e depois quando eu tive a experiência no curso de extensão, isso vai para outro lugar, as ferramentas começam a fazer sentido, dar formas. Então a gente pode até pensar no lugar dessa teoria que é encarnada, que não faz sentido você assistir nenhuma aula de Laban se você não experimentar isso no corpo, se você não experimentar isso a partir da prática e com a prática. Então isso é algo que entrelaça essa experiência do curso de extensão que serve para a gente pensar o ensino, a pesquisa e a extensão. A gente precisa partir da prática e estar com a prática, entendendo que também não tem essa hierarquia das coisas. Isso vai criando espaços de autonomia, acho isso importante quando o curso dá as ferramentas como ponto de partida e não de chegada, algo que desloca o conhecimento para os alunos e alunas, um protagonismo. Acho que o caminho aí é uma abertura para a gente entrar nisso, buscar encontrar no corpo os modos de se chegar e lidar com as ferramentas.

⁵ LABAN, R. **Domínio do movimento**. In: ULLMAN, L. (org.). Tradução de Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

Imagem 3 – Experimentações do tempo urgente (acelerado)



Fonte: Acervo do CAPDança: capacitação de professores de dança através do Sistema Laban. Uberlândia, MG (2019). Fotografia: Alexis F.S.

Que impactos podem ser detectados na formação e atuação de professores de dança a partir do contato e do estudo do Sistema Laban?

Juscelino: Eu vejo que a partir do curso o quanto que o Sistema Laban aparece com uma ferramenta a mais para a gente. Assim é para quem pode fazer o curso em 2019, para quem teve as experiências, não foi uma questão de abandonar a forma como você dá aula de dança para aprender uma nova forma de ensinar o movimento, mas sim a partir desse lugar da prática que você já tem como modo de ensinar e isso pode abrir outros caminhos. Eu acho que isso talvez seja uma das coisas que mais me interessa em estudar o Sistema Laban. Ter ferramentas que agenciem práticas, que produzam outras camadas de relação a partir dos parâmetros do sistema. Isso permite que um parâmetro possa ficar horas e até dias sendo pesquisado e desdobrado, seja em espaços formais ou espaços informais do ensino de dança, porque às vezes as formas de ensinar passam por um engessamento, não deixando lugar para novos horizontes. Então o Sistema Laban vem para ser uma ferramenta a ser usada de diversas formas. E em termos de acesso a esse conhecimento, você não vai fazer aqui no Brasil uma formação gratuita no Sistema Laban, aos modos mais formais de ensino, mas como que podemos pensar em criar relações a partir das oportunidades, a partir do curso de extensão, de uma disciplina, da pesquisa.

Vivian: a partir de uma pós-graduação...

Juscelino: acho que de certa forma não é tão acessível, pensar esses cursos, não é algo que esteja disponível pelo Brasil, é sempre a partir da oportunidade de profissionais que têm a pesquisa e se disponibilizam a compartilhar em formação continuada, ou geralmente têm cursos mais voltados para áreas mais técnicas de dança. Então como é que essa oportunidade de estudar o Sistema Laban abre um caminho, para se apropriar e se beneficiar disso. A sensação que eu tenho é que se trata de uma pesquisa de vida, porque a partir desses parâmetros é possível continuar pesquisando as ferramentas e se relacionando com elas no longo prazo. Então isso é algo que a pessoa vai se alimentando, se transformando, e utilizando os parâmetros dentro do campo do ensino e da pesquisa em dança.

Vivian: Dentro dessa ampliação das ferramentas eu acho que é importante a gente pontuar a importância de dar linguagem a aspectos da dança. As pessoas vão criando, a partir do estudo do Sistema Laban, a capacidade de nomear as qualidades do movimento. Então você acaba também enriquecendo o seu vocabulário, o modo pelo qual você consegue acessar aquele movimento, aquela qualidade específica e o modo pelo qual você consegue facilitar a aprendizagem de outras pessoas. Porque à medida que você enriquece o modo como você fala do movimento, você começa a permitir mais acessos a esse imaginário do movimento. E por que eu estou falando isso? Porque a dança, de uma maneira mais convencional ou mais tradicional, ela parte muito de uma ideia de aprendizagem por cópia simplesmente, de você olhar uma pessoa e copiar o que ela está fazendo. E quando você enriquece a linguagem e você consegue dar acesso a aspectos talvez não tão visíveis, ou aspectos para os quais a gente não se atenta no movimento, você enriquece a aprendizagem, o processo de ensino-aprendizagem. Você cria mais camadas, você complexifica esse processo de aprendizagem ao ponto de a pessoa conseguir se ancorar em mais informações que dizem respeito àquele movimento, àquela qualidade específica. Esse enriquecimento da linguagem também vai permitir outros modos de orientar o processo de ensino-aprendizagem. É óbvio que a gente pode fazer e ensinar dança desse jeito tradicional, em que eu faço uma coisa e outra pessoa repete, mas eu posso fazer isso, essa mesma coisa, oferecendo mais camadas de informação sobre essas qualidades. Isso que eu estou ensinando tem, então, além do que eu estou mostrando, outras coisas que eu vou orientando. E eu posso simplesmente dar a orientação sem mostrar algo, sem partir de um modelo visual. Geralmente esse é o modo como eu trabalho. Então eu ensino por meio de orientações verbais, às vezes até táteis, que é quando eu toco alguém em algum lugar específico, mas porque no meu modo de compreender a dança eu percebo que pode até ser que o movimento de duas ou mais pessoas possa ser similar e que

esses movimentos possam se encontrar, mas cada pessoa tem seu caminho de chegar ali. Ao longo do meu percurso e das minhas pesquisas, e eu venho pesquisando o Sistema Laban há 12 anos, eu percebo que esse respeito à singularidade dos corpos é muito importante. E o enriquecimento da linguagem, o modo como a gente fala do movimento também é muito importante, seja por meio de metáforas ou de imagens que podem facilitar o acesso àquele movimento específico ou àquele universo de qualidades específicas, seja por meio de linguagem que o próprio Sistema Laban apresenta ou seus princípios. E isso vai facilitar uma comunicação também. Acho que esse é um impacto que me chama atenção e fez diferença na minha vida, e vem sendo algo que vem me interessando cada vez mais, o ato de nomear as coisas. A partir do momento em que você nomeia as coisas, você vai conseguindo investigar e pesquisar melhor, conversar melhor sobre aquilo que está sendo feito. E eu acho que para quem participou do curso era fundamental poder investigar a linguagem falada e escrita, tinha muita conversa e anotações que eram feitas ao longo do curso. Isso permitiu tanto conhecer a linguagem do sistema, que o sistema propõe, quanto a gente avaliar e enriquecer a linguagem que a gente utiliza para dar as nossas aulas e oficinas.

Juscelino: E eu fico pensando muito no processo de autonomia, o quanto que, quando a gente olha para uma forma de ensinar algo muito estruturado, e isso não permite que a pessoa saia desse local, não permite que a pessoa proponha algo em cima disso, então eu vejo que o sistema Laban permite uma autonomia, permite se apropriar disso e modificar sua maneira. Não se limita a um único modo de lidar com o Sistema Laban, o que gera uma autonomia de olhar as ferramentas e adicionar camadas que fazem funcionar uma pedagogia do movimento. Eu acho que isso é muito bacana, porque às vezes a gente, na relação com o ensino, fica preso e acostumado a ensinar de um único jeito. Então quando a gente acessa essa possibilidade de abrir a forma de transmitir conhecimento, acontece uma atualização daquilo que já sabemos com o novo. E nem é no sentido de as formas mais estruturadas serem ruins, e isso é muito bom. É só que o trabalho pode levar a lugares diferentes, são outros mundos que se abrem nessa relação de acrescentar camadas aos processos de ensino e pesquisa em dança. Talvez isso te interesse ou não, são outras possibilidades criadas.

Vivian: E cada um faz o seu. Existe a ferramenta e agora você faz o seu processo.

Imagem 4 – Experimentações da ação básica de torcer



Fonte: Acervo do CAPDança: capacitação de professores de dança através do Sistema Laban. Uberlândia, MG (2019). Fotografia: Alexis F.S.

Como o pensamento extensionista atravessou o projeto de Iniciação Científica intitulado “O Sistema Laban de Análise do Movimento para a elaboração de estratégias de criação em dança”?

Juscelino: Fico pensando nesse caminho que eu fiz com o Sistema Laban, que foi a disciplina de Análise do Movimento no Bacharelado em Dança da UFU, o curso de extensão CAPDança e agora uma iniciação científica. Apesar de parecer que são coisas diferentes, estão muito conectadas. Tudo começa com o interesse de poder ter tempo de relação com o Sistema Laban. Eu queria aprender mais depois de ter feito a disciplina, então ir para o curso de extensão e pensar em como eu posso aplicar isso dentro de uma oficina, dentro de uma aula, e chegar na iniciação científica com o desejo de compartilhar isso, fez a gente querer dar um acesso diferente às descobertas da IC. Então quando a gente pensa que o resultado final dessa iniciação científica serão vídeos tutoriais que trarão um pouco dessas relações com o Sistema Laban, e que isso vai ser postado na internet, aí novamente se volta para extensão, novamente se volta para compartilhar com pessoas que não estão só dentro desse lugar da pesquisa acadêmica. É algo que vai estar no YouTube, vai estar disponível para as pessoas verem e usarem isso dentro de uma aula, de uma criação ou afins. Uma outra questão é que o resultado da pesquisa está sendo pensado de uma forma clara, de uma forma muito direta para

que chegue nas pessoas, e não foque só nas pessoas da dança ou da universidade. Queremos que outras pessoas, que às vezes não são da área, consigam criar uma relação com aquilo, para que possam olhar e aprender algo sobre o Sistema Laban, sobretudo as relações com o movimento, o que pode despertar um interesse, pode despertar algo. Então como que a gente pensa também essa acessibilidade da pesquisa? Em criar uma relação e ir para além da academia, para além da graduação? Mas isso também traz uma noção que é de compartilhar o trabalho de uma forma clara, de compartilhar isso de forma acessível para as pessoas - e as pessoas não precisam ler tudo sobre o Sistema Laban ou terem feito um curso para poder entender os vídeos.

Vivian: Acho que o fato de nós dois termos vindo dessa experiência com curso de extensão, da gente ter atravessado essa pandemia e de ter se entendido nesse universo virtual, de termos entendido a importância dessa comunicação e do compartilhamento do conhecimento com pessoas que não necessariamente estão próximas da Universidade, acho que isso tudo ajudou a gente a pensar o projeto de pesquisa com esse toque extensionista. O que talvez possa até vir a ser um projeto de extensão futuramente, focando nesse processo de troca com a comunidade interna e externa, desse conhecimento produzido. Quando a gente pensa que o resultado da pesquisa vai vir neste formato de vídeos tutoriais que vão dizer respeito às estratégias de criação de movimento que foram sendo elaboradas ao longo dessa pesquisa de IC, isso traz essa preocupação, justamente, e essa necessidade de aproximar esse conhecimento das pessoas que talvez não se sintam pertencentes a esse âmbito universitário, aos jargões universitários, que às vezes assustam. O foco é tornar esse conhecimento cada vez mais acessível, o que vem também de um histórico com a extensão universitária que a gente possui, especialmente com o CAPDança.

REFERÊNCIAS

LABAN, R. **Choreutics**. Annotated and edited by Lisa Ullman. Hampshire, UK: Dance Books, 2011a.

LABAN, R. **Domínio do movimento**. In: ULLMAN, L. (org.). Tradução de Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

LABAN, R. **The mastery of movement**. Fourth Edition. Revised by Lisa Ullman. Hampshire, UK: Dance Books, 2011b.

Submetido em 1º de abril de 2022.

Aprovado em 19 de abril de 2022.